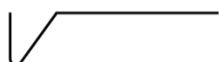


Das variáveis por trás dos excessos policiais: um estudo de caso



Maurício Fontana Filho¹

Resumo

A pesquisa é um estudo de caso de excesso policial cujo desfecho é a morte do suspeito, Eric Garner. Elaboram-se os fatos da morte da vítima e do contexto de ascensão do movimento Black Lives Matter diante da frequência de interações fatais entre policiais e civis no período, o que possibilita investigar a atuação policial e seu uso de força excessiva. O que estimulou os policiais a subitamente imobilizar e assassinar Garner? Que variáveis podem ser identificadas no comportamento dos agentes? Utiliza-se de metodologia qualitativa com natureza descritiva. Conclui-se por atribuir as seguintes variáveis como condicionadoras no uso excessivo de força física pela polícia: insubmissão, linguagem, experiência e despreparo técnico.

Palavras-chave: Daniel Pantaleo - Eric Garner – Polícia - Uso excessivo de força - Vidas negras importam.

Abstract

The research is a case study of police excess whose outcome is the death of the suspect, Eric Garner. The facts of the victim's death and the context of the rise of the Black Lives Matter movement are elaborated in view of the frequency of fatal interactions between police and civilians in the period, which makes it possible to investigate police action and its use of excessive force. What prompted the cops to suddenly immobilize and murder Garner? What variables can be identified in the agents' behavior? It uses a qualitative methodology with a descriptive nature. It is concluded by attributing the following variables as conditioning factors in the excessive use of physical force by the police: non-submission, language, experience and technical unpreparedness.

¹ Pós-graduando em Ciências Sociais pela Universidade Passo Fundo, UPF. Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. Mauricio442008@hotmail.com

Keywords: Daniel Pantaleo - Eric Garner – Police - Excessive use of force - Black Lives Matter.

Introdução

Eric Garner foi um indivíduo morto em interação com a polícia de New York, Estados Unidos (EUA), em 2014. O diferencial deste caso em comparação a tantos outros é que foi capturado por vídeo, desde o momento em que conversava com os policiais até após já ter sido sufocado até a morte. Investiga-se as variáveis no uso excessivo da força policial a partir do caso Garner. Para tanto, esboça-se seus diversos contornos, além do contexto de conflitos policial-civis e ascensão do movimento Black Lives Matter (BLM) em que estava inserido.

A metodologia é de natureza descritiva e abordagem qualitativa. Os fatos e contexto são delineados com base bibliográfica derivada de jornais digitais estadunidenses, como o The New York Times, The Guardian, The Washington Post, entre outros. A ação policial no caso específico é analisada com base em literatura recente de estudos policiais, a qual permite um diálogo entre o evento empírico e os dados científicos.

Na primeira seção aborda-se os fatos e diferentes contornos do caso Garner ao longo dos anos. Na segunda, delinea-se o contexto do movimento BLM com fins de situar a interação policial em tela e determinar a sua frequência. Por fim, na terceira seção, avalia-se as variáveis que contribuíram para a explosão na atitude policial e decorrente morte da vítima.

Em 25 de maio de 2020, George Floyd foi assassinado pela polícia estadunidense, sendo o ato também filmado. Novamente, como ocorreu com Garner, suas últimas palavras foram em súplica de que não conseguia respirar. Antes de demonizar a ação policial e com fins de instrumentalizar a produção de políticas públicas pragmáticas no Brasil, faz-se imperioso apreender do evento empírico como ocorreu a transição de uma conversa em tom ameno à um golpe banido e letal.

1. O caso Eric Garner

Em 17 de julho de 2014, a polícia de New York recebeu uma denúncia de que um homem, Eric Garner, estava vendendo cigarros avulsos no bairro Staten Island, crime pelo qual ele já havia sido preso anteriormente, duas vezes somente naquele ano. Quando dois membros da polícia chegaram ao local, Eric negou estar cometendo qualquer crime, afirmando que há muito já vinha sendo intimidado pela polícia e que aquilo tinha de terminar. Então, os policiais tentaram algemá-lo (FONTANA FILHO, 2021a).

Foi nesse momento que o policial Daniel Pantaleo aplicou um estrangulamento no suspeito, prendendo tanto o seu pescoço quanto o seu ombro. Ambos caíram no chão e o golpe persistiu mesmo após Garner ter repetido três vezes que não conseguia respirar. Quando o estrangulamento foi relaxado, o peso dos outros policiais sobre o seu corpo e a pressão de sua cabeça contra o solo permaneceram comprimidos ante a calçada. Foram onze súplicas de que não conseguia respirar antes de sua morte (FONTANA FILHO, 2021a).

O golpe durou 20 segundos. Nenhum dos policiais tentou qualquer iniciativa de reanimação cardiorrespiratória. Quando a equipe médica de emergência composta por membros da Universidade Richmond de Centro Médico chegou, não havia equipamento de oxigênio. Ao invés de ser iniciado o procedimento de reanimação, a equipe pediu para a vítima acordar. A chegada da ambulância foi filmada por Taisha Allen, residente das imediações (CROTHERS, 2019; FONTANA FILHO, 2021b).

A vítima foi pronunciada morta no hospital. Imediatamente após, pedidos pela demissão do policial que instrumentalizou a morte de Garner foram feitos, assim como que ele e seus colegas de trabalho fossem indiciados criminalmente, tanto por uso excessivo da força quanto por negligência (FONTANA FILHO, 2021b).

Os policiais envolvidos colocaram em seus relatórios que um homem chamado Eric Garner havia morrido durante uma tentativa de prisão, citando uma testemunha por nome, Taisha Allen, que os havia visto colocar Garner no solo pelos braços. A testemunha depois desmentiu os relatórios (BAKER *et al.*, 2015). Não houve qualquer menção ao uso de força ou mesmo ao uso da técnica de estrangulamento. Então, na manhã seguinte, a polícia e o público descobriram a existência de um segundo vídeo, este mostrando com nitidez

inequívoca o que ocorreu (BENNER, 2019). O amigo da vítima, Ramsey Orta, que estava consigo no local, filmou todo o fato em seu celular (MORALES *et al.*, 2019).

Matt Taibbi (2017), em sua obra *I can't breathe: a killing on Bay Street*, fornece diversos exemplos que contribuem para a ideia de que a prática de falsificar relatórios e inventar testemunhas para corroborar histórias é um mecanismo normalizado no ofício policial, sendo a primeira linha de defesa na proteção da polícia contra erros e excessos do dia a dia.

O vídeo mostra Garner dizendo aos policiais que o deixassem em paz e pedindo que a intimidação cessasse. Quando um policial tentou algemá-lo e ele retirou a mão, logo então Pantaleo agiu às suas costas (SOUTHALL, 2019). A morte de Eric foi apenas uma em meio à sucessão de mortes de pessoas negras de comunidades predominantemente pobres em confrontos com a polícia. Tal contexto será elaborado na segunda seção.

A partir da difusão do vídeo e dos protestos que se seguiram, três instituições passaram a simultaneamente investigar o caso. O Escritório de Assuntos Internos averiguava se os protocolos policiais foram seguidos; a Procuradoria de Staten Island analisava se algum crime foi cometido e passou a apresentar evidências a um corpo de jurados; e, por fim, a Justiça Federal investigava de modo a recolher evidências de que algum policial havia violado leis federais (BENNER, 2019).

Contrariamente ao caso Michael Brown em Ferguson, no qual não houve meios de se comprovar de forma inequívoca se o policial que o matou relatou a verdade sobre ter havido resistência por parte do suspeito, o que levaria o policial a atirar 12 vezes nele até a sua morte, no caso Garner havia o vídeo, e com ele a possibilidade de interpretar a interação civil-policial (YEE, 2014).

Pantaleo e a Sargento Kizzy Adonis foram inicialmente sancionados pelo Departamento de Polícia, perdendo suas armas e insígnias e foram designados para funções administrativas (SOUTHALL, 2019). Em 2015, a família da vítima recebeu quase US \$6 milhões em um acordo, depois que um painel do júri em dezembro de 2014 se recusou a aceitar o crime contra Pantaleo (MORALES *et al.*, 2019).

Só em julho de 2019 o Departamento de Justiça concluiu que nenhum dos policiais envolvidos enfrentaria acusações federais. A razão é que não havia provas suficientes para comprovar os três elementos essenciais da incriminação, a saber: a) se o policial se utilizou de estrangulamento; b) se seu uso para derrubar um homem desarmado que estava

potencialmente cometendo uma contravenção era justificado; c) se houve intenção da polícia de matar a vítima (MORALES *et al.*, 2019).

A última vez que o governo federal acusou formalmente um policial de Nova York de uso excessivo da força foi em 1998, quando o policial Francis X. Livoti foi julgado e acabou condenado por estrangular Anthony Baez até a morte (BENNER, 2019). A significativa maioria dos policiais que matam civis nunca é processada e, dos poucos acusados, a maioria não é condenada (SMITH, 2019).

A polícia de New York, após cinco anos de trabalho administrativo, demitiu Pantaleo (BARRETT, 2019), mas se apenas o tivesse punido, o público nunca teria sabido. Os arquivos dos policiais de New York são secretos, por isso há pouca confiança por parte da população. O prefeito Bill de Blasio não mediu esforços para não revelar os nomes de outros policiais que participaram da operação (SOUTHALL, 2019), mas seus nomes são Dhanan Saminath, Mark Ramos, Justin D'Amico e Craig Furlani (BAKER *et al.*, 2015).

A alta hierarquia até se defendeu de ter demitido o policial dizendo que foi uma decisão extremamente difícil. A conduta de Pantaleo foi justificada como aceitável e que às vezes as decisões têm de ser tomadas com rapidez. Depois de demitido, diversas organizações criticaram a ação, ressaltando que a polícia, a partir daquele momento, realizaria seu trabalho com timidez, contribuindo para o aumento dos índices de criminalidade na cidade (BARRETT, 2019).

O golpe aplicado por Pantaleo já havia sido proibido em 1993 pelo Departamento de Polícia, consequência do aumento do número de mortes de civis por excesso de força policial (SOUTHALL, 2019). A técnica de estrangulamento é muito utilizada devido à falta de treinamento que os policiais recebem. Assim, munidos de um treinamento mínimo, quando em campo eles tendem a desarmar ou conter um suspeito por meio de ações improvisadas (WINSTON, 2019).

Antes da decisão de não aplicar a lei federal, isentando os policiais de qualquer conexão injusta com a morte de Eric, o advogado de defesa de Daniel se manifestou. Afirmou que a vítima apresentava obesidade mórbida e problemas respiratórios, o que ocasionou sua morte, e que não foi utilizada a técnica de estrangulamento, mas outra, o Cinto de Segurança, a qual é ensinada na Academia de Polícia (MORALES *et al.*, 2019).

Outro termo utilizado pelo advogado foi que a vítima era uma bomba-relógio que resistia à prisão, e a abordagem policial foi realizada de maneira adequada (MORALES *et*

al., 2019). O médico perito, entretanto, apontou homicídio cuja morte foi ocasionada por estrangulamento e compressão torácica por carga sobreposta (SOUTHALL, 2019). Analisa-se se houve ou não resistência e o que a constitui na terceira seção.

Após a morte de Eric, o Departamento de Polícia gastou mais de US \$35 milhões para treinar seus policiais a não usar a técnica de estrangulamento. No entanto, seu uso é contínuo e raramente resulta em punição. A morte de Eric é o corolário da estratégia de combate ao crime da polícia e dos prefeitos. O objetivo é reduzir o número de crimes, e isso ocorre por meio do foco no pequeno crime, que é visto como a porta de entrada para crimes hediondos (SOUTHALL, 2019).

A estratégia é comumente chamada de Janelas Quebradas, aludindo à ideia de que mesmo quem quebra uma janela deve ser punido para que outros criminosos vejam o exemplo da punição e a eficácia do sistema punitivo. O mesmo local onde Eric morreu já tinha 98 prisões e 655 queixas apenas naquele ano (BAKER *et al.*, 2015).

A lógica de George L. Kelling e Catherine M. Coles (1997) se fundamenta na ideia de que suprimir crimes menores cria um ambiente propício para que os hediondos não prosperem. Assim, um criminoso voraz, como um homicida ou estuprador não se sentiriam confortáveis em transgredir a lei em determinado ambiente quando este o fosse desprovido de elementos simples de ilicitude, como grafite nas paredes ou mesmo vendas ilegais nas ruas.

A capa da obra *Fixing Broken Windows: restoring order and reducing crime in our communities*, que contém um estilingue de criança, ilustra bem como funciona a teoria: até mesmo o uso de um estilingue por uma criança para quebrar uma janela deve ser reprimido de modo a tornar exemplar o ambiente e prevenir futuros crimes (KELLING; COLES, 1997).

A morte de Garner foi uma entre os inúmeros casos de encontro fatal entre policiais e pessoas hipossuficientes e negras. O caso evocou protestos nacionais e internacionais sobre o uso excessivo da força pela polícia. A recorrência desse tipo de evento catalisou o movimento BLM (BENNER, 2019).

Três semanas depois da morte de Eric Garner morreria Michael Brown em Ferguson, Missouri, e com sua morte uma onda furiosa de protestos se faria impor. Suas mortes revigoraram o movimento BLM e as demandas por responsabilização policial no caso da morte de pessoas negras (MORALES *et al.*, 2019).

O evento cujo desfecho foi a morte de Eric ante a iniciativa de Pantaleo é retratado em vídeo e áudio, sendo a veridicidade de seu conteúdo inapelável. No entanto, o contexto estadunidense de movimento BLM, confrontos e mortes foge ao que o vídeo possibilita fazer apreender. Há uma sequência de eventos a ser avaliada a seguir que situa a relação policial-civil ocorrida.

2. O contexto Black Lives Matter

Mesmo antes do caso Garner, a relação entre polícia e civis nos EUA já vinha se deteriorando. Em 2012, Ramarley Graham, desarmado, foi baleado e morto pela polícia de New York, enquanto que o policial foi indiciado, mas o juiz o absolveu alegando erros processuais. Algumas semanas depois, Trayvon Martin, desarmado, foi morto por um justiceiro na Florida, tendo o corpo de jurados absolvido o seu agressor, George Zimmerman. Foi a partir daí que nasceu o movimento BLM, com organização e operação ainda incipientes e propósito indefinido (BENNER, 2019).

Anteriormente ao caso Garner, a morte de civis em confrontos com a polícia não era tão contestada como mais recentemente. O diferencial surge do uso de gravação das interações policiais. Com isso, as sucessivas mortes misteriosas em encontros com a polícia e apoiadas somente pelo depoimento dos agentes puderam ser exploradas pelo público e de modo concreto. As certezas garantidas pelas gravações de vídeo e áudio deram corpo e progressivamente intensificaram as atividades do movimento (BENNER, 2019).

O BLM foi criado em um pico de enfrentamentos entre polícia e civis negros. Não eram rumores, mas gravações irrecorríveis. Protestos em peso só aconteceriam depois da metade do ano de 2014. Em julho de 2014, Eric Garner morreu e deu impulso a novas ondas de protesto em face da gravação do vídeo de seu assassinato. Logo em seguida, morreu Michael Brown (SOUTHALL, 2019).

Em novembro, Akai Gurley e Tamir Rice (LEE; PARK, 2018) foram mortos com poucos dias de diferença de um assassinato para o outro. As mortes tenderam, então, a criar um padrão, como se os negros estadunidenses estivessem sendo mortos sem que houvesse qualquer responsabilização pela polícia (BENNER, 2019).

Buscou-se dados para questionar esse padrão. O The New York Times lançou uma pesquisa terminada em 2018, dentro da qual analisa as mortes de 15 pessoas negras e o que

sucedeu com os seus assassinos policiais. Os casos variaram entre 2014 e 2016. Dos 15 casos, seis policiais foram demitidos, oito foram indiciados, onze casos terminaram em acordo, e três policiais foram condenados. Na maioria das vezes os disparos policiais são legalmente justificados no temor do policial em relação à sua vida ou a de outras pessoas, o que torna incomum a ocorrência de condenações criminais. Os acordos, por outro lado, são bem mais frequentes (LEE; PARK, 2018).

O movimento BLM pode ser dividido no que foi inicialmente projetado para ser e no que se tornou. Em 2013, o objetivo principal era o de criar um mecanismo de organização para as vítimas negras de violência policial e civil. Mas, após consolidado este objetivo e com a ascensão do movimento, o qual ganhara influência internacional, novos fins foram determinados (KHAN-CULLORS *et al.*, 2020).

O BLM é um grito de protesto em revolta ao dia 13 de julho de 2013, quando na Florida George Zimmerman foi inocentado do assassinato de Trayvon Martin, um jovem negro desarmado que voltava para casa. A partir de então, a hashtag #BlackLivesMatter foi criada, fundando o movimento e partindo na cruzada por responsabilização policial sobre as mortes de pessoas negras. A cada morte de um indivíduo negro pela polícia que é gravada, o movimento se torna mais vivo e presente na sociedade, pois é munido de provas incontestáveis da brutalidade policial injustificada (THOMPSON; SAMUELS, 2016).

Sem um líder central, o movimento teve forte impacto, transcendendo a esfera das mídias sociais e adentrando a vida diária das pessoas. Após as mortes de Garner e Brown em agosto de 2014, o movimento cresceu, intermediando a divulgação das gravações de vídeo de tiroteios policiais que rotineiramente acontecem e cujas visualizações se tornaram virais (THOMPSON; SAMUELS, 2016).

Nos dois anos desde a morte de Garner, houve dezenas de manifestações do movimento em quase todas as cidades do país (ALTER, 2018). Os protestos eram imprevisíveis, se formando de encontros casuais entre amigos que, ao tratar das injustiças sociais do período, iniciavam movimentos contra a polícia. De manifestações incipientes passaram a bloquear ruas e organizar cartazes (LOWERY, 2017).

As mídias sociais, como Twitter, Facebook e Tumblr, eram utilizadas como mecanismo de difusão e organização para os protestos. Simples hashtags lançadas rapidamente se espalhavam e mobilizavam pessoas que jamais haviam se visto, mas com propósitos determinados (LOWERY, 2017).

Em julho de 2016, após um protesto da BLM em Baton Rouge, um novo protesto ocorreu na cidade de Dallas, no Texas, onde doze policiais foram baleados e cinco morreram. Pouco tempo antes, Alton Sterling e Philando Castile, ambos negros, haviam sido mortos pela polícia. A análise dos vídeos foi fundamental para a organização de um protesto com ânimos exaltados. Em concomitância, cidades como Atlanta, Phoenix, San Francisco, entre outras, tiveram protestos sendo promovidos (THOMPSON; SAMUELS, 2016).

Foi em julho que o movimento BLM se consolidou na esfera internacional com protestos que reuniram centenas de pessoas em Londres, Berlin, Amsterdam e nos Países Baixos. Eles seguiram as mortes de Sterling, na Louisiana, e Castile, no Minnesota. Dois tiroteios, dois vídeos e dois homens negros mortos. Na mesma semana Micah Xavier Johnson matou diversos policiais em Dallas. Nos EUA, 309 pessoas foram presas durante os protestos em meio a embates entre polícia e manifestantes (MCKENZIE, 2016).

Em agosto os protestos chegaram à Grã-Bretanha, Canadá e França, onde os organizadores pediram pelo encerramento das atividades do país como forma de simbolizar uma oposição à brutalidade policial, disparidades raciais nas prisões, condenações e no tratamento dos imigrantes detidos, assim como o crescendo de crimes de ódio (CHAN, 2016).

Vê-se a partir daqui novos elementos compondo o objeto de mobilização da organização. A tática de sentar-se no chão foi recorrentemente empregada, interrompendo o tráfego de veículos e pessoas em locais-chave, como pontos de ônibus, aeroportos e praças centrais. Banners com as últimas palavras de Garner eram carregados e suas palavras, entoadas. A polícia possuía a tendência de responder com prisões (CHAN, 2016).

As demonstrações eram geralmente pacíficas, mas poderosas. Em algumas ocasiões os manifestantes se ligavam uns aos outros com tubos, prendendo os braços uns dos outros, tendo a polícia de fazer uso de equipamentos especiais para cortar os instrumentos em ordem de passar pelos manifestantes. Os maiores protestos ocorriam nas datas de aniversário de morte de Garner (CHAN, 2016).

Desde 2014, mais de duas dezenas de estados já possuíam leis sobre a brutalidade da polícia. Em 2016 já se viam diversas conquistas, como a reforma de como o comportamento policial é monitorado, o que ocorreu por meio da inclusão de câmeras

corporais coletando dados. Essas vitórias são corroboradas pela prática empírica (THOMPSON; SAMUELS, 2016).

O número de mortes por uso excessivo da força policial é alto no país, principalmente envolvendo pessoas negras. Os principais projetos de base de dados, o Fatal Encounters (BURGHART, 2017), o Washington Post's Every Fatal Shooting Report (TATE *et al.*, 2021) e o Mapping Police Violence (SINYANGWE *et al.*, 2021) asseguram em comum acordo, por meio de instrumentos empíricos e coleta de dados estatísticos, que os negros são uma minoria nos EUA, mas uma maioria assassinada pela polícia.

As bases de dados supracitadas atuam no território estadunidense da seguinte maneira: elas iniciam os seus trabalhos de coleta de informação em um ano específico. A partir do ano 2000 para algumas, 2013 ou 2015 para outras, e vão preenchendo uma série de dados até o período atual, constantemente em atualização.

As estatísticas são divididas por gráficos com data do fato, nome da vítima, idade, gênero, raça, estado, e fonte referencial da notícia. Nestes moldes são formadas as estatísticas, como aquela que conclui que apenas 1% dos policiais estadunidenses foram indiciados por terem matado pessoas no exercício de suas funções, isso dentro do período de 2013-2019. Outra, conclui que houve apenas 27 dias em 2019 em que a polícia não matou alguém (SINYANGWE *et al.*, 2021).

No estudo do Washington Post² (TATE *et al.*, 2021), ocorrido dentro do período 2015-2021, os resultados indicaram que o número e as circunstâncias das mortes, assim como o elemento demográfico concernente às vítimas permaneceram constantes. Isso significa dizer que independente dos eventos específicos de mortes que acontecem no país e chocam o mundo todo, o número anual de tiros e mortes pelas mãos policiais permanece próximo, em torno de mil por ano.

A pesquisa de Samuel Sinyangwe *et al.* (2021) aponta que em 2013, 1.111 pessoas foram mortas por policiais; em 2014, 1.059; em 2015, 1.103; em 2016, 1.071; em 2017, 1.095; em 2018, 1.143; em 2019, 1.099; em 2020, 1.127, e até 17 de dezembro de 2021, 1033 pessoas no atual ano.

² Os dados foram coletados pelo próprio jornal. A coleta iniciou em 2015 e segue até os dias de hoje [17/12/2021] dentro dos seguintes parâmetros: raça, circunstâncias da morte, se a vítima estava ou não armada e se tinha ou não problemas psicológicos, além do nome dos policiais envolvidos. Cada evento foi referenciado por uma reportagem midiática ou parecer de polícia. O objetivo da pesquisa é de tornar pública as interações policiais com desfecho de morte da vítima e traçar padrões para análise. A base de dados por Excel está disponível nas referências.

Pessoas negras foram 27% da população morta pela polícia em 2021 mesmo que sejam apenas 13% da população total dos EUA. Outro dado é que pessoas de pele com coloração preta são três vezes mais propensas a serem mortas pela polícia do que aquelas de pele branca. Do total, 95% das mortes ocorreram durante o período de trabalho do policial. Ante o caráter contínuo do número de mortes ao longo dos anos pode parecer que o impacto dos protestos e das supostas vitórias do movimento BLM não existe, mas o fator de aumento populacional altera o resultado (SINYANGWE *et al.*, 2021).

O crescimento populacional do país, que vem diminuindo desde 1998, impacta os dados. A população cresce menos que nos anos anteriores, mas seus números continuam aumentando (COUNTRYMETERS, 2021), com isso, representa uma variável de destaque nos dados de óbitos por policiais. Se o nível populacional cresce e os dados permanecem visivelmente estagnados, é necessário reconhecer as forças sociais que atuam contra a morte das vítimas da ação policial, como efeito de reflexão e organização moral.

Assim, se por um lado o número de mortes vem declinando em comparação ao aumento populacional no país, por outro o contexto de interações entre policiais e civis vem tomando contornos dramáticos, principalmente como consequência ao uso de mecanismos tecnológicos na captura de imagens e áudio. Entretanto, a midiaticização das interações policial-civis não explica as variáveis por trás dos excessos policiais, apenas sua frequência.

3. Polícia na prática

Paulo Rogério M. Menandro (1979) afirma que os determinantes da agressão humana se encontram nas práticas sociais e não, de modo geral, em características internas do ser humano. A ideia de atribuir o comportamento somente ao interior dos atores sociais, como se fossem psicopatas ou doentes, é bastante questionável. “As ações definidas como violentas não são exemplo da irracionalidade de sujeitos mentalmente insanos, são pelo contrário práticas que têm lógicas socialmente construídas.” (GARRIGA ZUCAL, 2016, p.726, tradução nossa).

J. Garriga Zucal (2010) utiliza-se do termo *réplica* nas suas explicações de excessos policiais. Esse mecanismo seria uma reação da polícia a determinadas interações em sociedade e suas especificidades. “O policial precisa interagir com diversos indivíduos,

geralmente contraventores. Existem diversos tipos de interação em função de fatores circunstanciais.” (MENANDRO, 1979, p.143). Pelas próprias características desse tipo de interação, a mais comum é aquela que não é absolutamente cooperativa ou pacífica. Vejamos então a situação concreta já abordada na primeira seção do artigo.

As falas de Garner na interação policial são sintetizadas a seguir. Ele diz: - *Afaste-se. Cada vez que vocês me veem, vocês querem mexer comigo. Estou cansado disso. Isso termina hoje. Todos os que estão aqui vão te dizer que eu não fiz nada. Eu não vendi nada. Porque toda vez que vocês me veem, vocês querem me assediar. Vocês querem me impedir de vender cigarros. Estou cuidando da minha vida, oficial, estou cuidando da minha vida. Por favor, me deixem em paz. Eu te disse da última vez, por favor, me deixe em paz. Por favor, por favor, não me toque. Não me toque* (TAIBBI, 2017).

Pouco antes de Garner dizer aos policiais que não o tocassem, os agentes enxergam uma viatura de apoio chegando em seu auxílio e iniciam o procedimento de prisão. O pedido de não lhe tocar é uma resposta ao avanço policial para a prisão. Um dos policiais puxa as algemas do bolso e tenta segurar a mão de Garner, o qual retira o braço e se contorce. Pantaleo às suas costas prende seu ombro e estrangula seu pescoço. Com o movimento, o suspeito tromba e cai com Pantaleo, enquanto isso outros policiais se aproximam.

O policial que inicialmente tentara algemar o suspeito continua a sua frágil tentativa ante um Garner que se contorce enquanto Pantaleo monta em cima de si, mas sem mais persistir o golpe aplicado no ombro, o qual é substituído por um estrangulamento com peso total sobre a vítima. Pantaleo empurra a cabeça de Eric contra o solo, pressionando-a. Agora a vítima é finalmente algemada com auxílio de outros policiais que a rodeiam em um espaço limitado. Os demais policiais cercam a interação numa tentativa de conter um já imobilizado Garner que repete continuamente que não consegue respirar num total de onze súplicas antes de sua morte naquela calçada.

De acordo com Andrew J. Costello (2018) a reação de Garner ante a abordagem policial foi uma forma de resistência. Com tranquilidade pode-se dizer, no entanto, que não foi uma resistência que legitime ação invasiva e fatal do nível encontrado, mas ela existiu. A resistência, mesmo que minoritária, ainda assim representa uma ameaça à autoridade e hierarquia policiais (GARRIGA ZUCAL, 2010).

A partir da pesquisa etnográfica de Garriga Zucal (2010, 2012) com os policiais argentinos, coletou-se a informação de que os agentes dividem os criminosos em dois

grupos: amadores (apresentam resistência) e profissionais (não resistem). Os delinquentes amadores, que são a vasta maioria, seriam aqueles que, quando abordados oferecem resistência: quando algemados gritam, pulam, esperneiam e se contorcem; quando encaminhados à viatura tentam acertar cabeçadas, mordidas e chutes nos policiais; quando presos se jogam contra as grades e fazem barulho.

Os criminosos profissionais, por outro lado, são aqueles que, ao serem apanhados, sabem que é o fim, *sabem quando perderam*. Se a polícia descobriu suas atividades ilícitas e eles se veem sem escapatória, eles se entregam, não falam nada, não gesticulam, afinal já conhecem o processo, estão sóbrios e têm ciência do que se segue. Os policiais entrevistados e observados por Garriga Zucal (2010, 2012) respeitam estes considerados profissionais e os tratam de modo diverso aos primeiros, isso porque percebem que eles respeitam sua autoridade e hierarquia.

Esses agentes consideram que o uso de força física contra os criminosos tidos como amadores é um recurso válido e senão legalizado, certamente legitimado pelas circunstâncias de momento. A visão da polícia investigada pelo autor é a de que “dois tipos de delinquentes distintos merecem serem tratados de modos diferenciados.” (GARRIGA ZUCAL, 2010, p.86, tradução nossa).

Os policiais de Garriga Zucal (2016) afirmam que eles deveriam ser respeitados pela população em função de seu sacrifício, pela luta contra a criminalidade e pela remuneração baixa. “O desconhecimento da sociedade para com o sacrifício que os agentes policiais dizem experimentar gera um sabor amargo entre os policiais entrevistados.” (GARRIGA ZUCAL, 2016, p.731, tradução nossa). Esse *sabor amargo* tende a legitimar um uso excessivo de força em determinados confrontos com os criminosos *amadores*.

Trata-se da perspectiva de que a profissão de policial a sociedade, repleta de riscos e traumas, trabalha com o subjetivo dos agentes de modo a que estes considerem que a sociedade lhes deve pelo sacrifício de sua atividade laboral. Quando os agentes atuam na sua prática diária e encontram resistência civil ante as suas iniciativas, isso lhes imbui de um sentimento de ingratidão da sociedade para com eles, um desrespeito propriamente dito, isso porque não apenas lhes devem, como não reconhecem essa dívida ao bradar, gritar e dificultar a abordagem (ZUCAL; MAGLIA, 2018; GARRIGA ZUCAL, 2014).

A supracitada explanação remete à variável I no uso excessivo de força pela polícia, a *insubmissão*. Garriga Zucal (2016, p.731, tradução nossa) aponta que “obediência,

submissão e subordinação são particularidades que os ‘civis’ ou os ‘delinquentes’ deveriam ter no momento de interagir com os uniformizados.” Assim, a deferência com a autoridade policial assinala o curso regular da interação. Os policiais esperam serem tratados com deferência e que as partes abordadas se mostrem solícitas e servis ante seus pedidos (GARRIGA ZUCAL, 2016).

A variável II é a *linguagem*. A partir do vídeo, pode-se notar uma comunicação informal e explosiva de Garner, ainda que este tenha utilizado do termo *oficial* ao endereçar os agentes, algo considerado apropriado nas interações policial-civis (GARRIGA ZUCAL, 2010, 2016). Trata-se de uma variável que tende a legitimar acrescido uso de força pela polícia, a qual se considera desrespeitada ante a quebra numa hierarquia que posiciona o agente acima do mero civil. O policial espera cooperação, mas mais precisamente submissão absoluta na interação com civis, o que não sucedeu no caso em análise.

Neste, os oficiais tentavam a prisão. Não esperavam justificativas, pedidos ou súplicas. A expectativa de comportamento do suposto delinquente era a de permitir que os agentes o algemassem e o transportassem em seu veículo à delegacia, nem mais nem menos que isso. Quando a cooperação esperada não ocorreu, a ação policial se adaptou. Os policiais chamaram reforço e, quando o avistaram nas imediações, partiram para a tentativa de prisão.

É mais difícil para a polícia trabalhar em bairros pobres em função de seus habitantes serem irreverentes em relação aos agentes. Quando confrontados, esses habitantes reagem burlando e satirizando a polícia. Esta forma coloquial de fala é para os agentes um desrespeito, isso porque apaga as hierarquias e iguala o diferente (GARRIGA ZUCAL, 2010, 2012, 2016).

Na pesquisa de Garriga Zucal (2010, 2012, 2016) os policiais sustentaram que os civis devem ser respeitosos, atentos e deferentes e que quando isso não ocorre, os agentes tendem a se sentir insultados, como se a figura do policial estivesse a ser desonrada, e então reagem com a força física para acabar com o suposto ultraje. Essa violência policial não é considerada legal pelos agentes, mas, novamente legitimada pelo momento, pois consideram que sofreram uma violência civil ao não terem sido tratados com deferência.

V. C. C. Anchieta (2011), em sua tese de doutorado desenvolve uma pesquisa com policiais civis brasileiros de uma delegacia especializada em crimes contra crianças e adolescentes. Os resultados apontam que a experiência policial nem sempre é positiva e

vantajosa ao agente. O policial vive tanto tempo lidando problemas sociais, conflitos e dores que se torna perturbado, problemático, mas mais importante, pode se tornar violento. Eis a variável III, a *experiência*.

O agente que, diariamente, lida com o que há de mais perverso na humanidade, conflitos de todo o tipo cuja responsabilidade de endereço é sua, tende a sofrer ante as exigências que a profissão lhe outorga. Os policiais se frustram em face da sobrecarga de trabalho, pressões sociais e diante da dificuldade de realmente solucionarem confrontos complexos que envolvem uma ampla gama de instituições e interesses.

Os agentes relatam para Anchieta (2011) o tormento que é ouvir uma criança vítima de abuso, além de o que significa a incapacidade de realmente fazer algo a respeito quando da existência de mais de 350 casos de estupro designados para apenas um policial. Relatam, ao mesmo tempo, a insensibilidade que o ofício lhes proporciona no longo prazo, o que reflete em outras esferas de suas vidas. “No ambiente de trabalho, os processos de desgaste físico e mental são determinados em grande parte pelo tipo de trabalho realizado e pela forma como esse está organizado.” (FERREIRA, 2009, p.17).

A categoria de trabalho dos policiais está exposta a ambientes conflituosos, a situações de pressão e estresse intenso em função de lidarem com a violência e a criminalidade. Possivelmente, estas situações irão repercutir nos modos de vida e no desempenho profissional, com implicações negativas para a saúde física e mental destes trabalhadores. (FERREIRA, 2009, p.47).

Não se trata de um grupo de indivíduos vis e organizados com o propósito específico de dizimar as vidas em sociedade, mas de um contexto de violência, afinal, “um meio profissional que pressiona e exige violência; assim como um social que amedronta e acostuma o ator ao sofrimento constroem um molde próprio que contribui para o dano psicológico do vigilante e subsequentes mortes dos vigiados” (FONTANA FILHO, 2021a, p.19). O principal risco que correm esses policiais em contato constante com uma vasta diversidade de crimes e agressores é de se tornarem agressivos, violentos. É o que esse tipo de trabalho pode produzir nos agentes, um risco psíquico (ANCHIETA, 2011).

Você descobre em você uma maldade que você antes não percebia, e é uma maldade perversa mesmo, que se você pudesse, seria aquela coisa do inferno mesmo, de você ver a pessoa sofrendo à míngua. Gente, não dá pra você ser tão imparcial. Tem hora que dá vontade de esganar mesmo, de dar tabefe e ainda acha que é pouco. O que a pessoa fez! Mas a gente tenta controlar (P4). (ANCHIETA, 2011, p.164).

O suposto crime de Garner não era terrível, mas insignificante. A variável explanada acima se aplica em um sentido de trauma que influencia situações futuras. Quando a prisão foi tentada, e ocorrida a pequena resistência da vítima, Pantaleo agiu com força extrema para curvar a vontade do suspeito aos intentos policiais. A sua experiência, tudo o que viu e ouviu ao longo de sua carreira certamente contribuíram para a sua decisão naquele momento.

A variável IV e última no uso excessivo de força pela polícia é o *despreparo técnico*. O treinamento policial anterior à vida prática na instituição é fundamental na efetividade de futuras interações sociais. Um agente desprovido de capacidades técnicas de se relacionar pelo diálogo ou mesmo imobilizar um suspeito propicia uma relação desastrosa. Um dos policiais entrevistados por Anchieta (2011, p.180) ressalta que “o nosso problema já tá lá na Academia, lá na formação. Lá na Academia eles te mostram uma coisa que não tem nada a ver e depois te jogam numa delegacia. Você não sabe pra onde vai e nem pra onde vem (P2).”

É possível visualizar esta quarta variável no discurso do advogado de Pantaleo, o qual afirmou que seu cliente não utilizou a Técnica do Estrangulamento, mas a do Cinto de Segurança. A base do argumento se articula na legalidade e legitimidade da ação. A Técnica do Cinto de Segurança era legalizada para o uso policial, além de legitimada pois ensinada na Academia de Polícia. Por outro lado, a Técnica do Estrangulamento já havia sido banida, portanto ilegal, e era geralmente utilizada apenas por policiais novatos e como exceção, sendo um sinal de incompetência do agente, portanto ilegítima.

A narrativa do advogado de Pantaleo atua com fins de elaborar a imagem de seu cliente ser respeitador das leis ao mesmo tempo que competente no exercício de suas funções policiais. Com isso, Pantaleo, nos moldes do discurso de seu advogado, seguiria os procedimentos institucionais aprendidos na Academia de Polícia e, também, possuiria competência em sua atuação profissional. O que o vídeo demonstra é o contrário: uma tentativa de prisão arbitrária, improvisada, com uso excessivo de força, com efetivo excesso de agentes no endereço de um delito insignificante supostamente comandado por um indivíduo morbidamente obeso, com problemas respiratórios e desarmado.

Ainda assim, um ponto importante na análise do caso é que os policiais não tinham como saber dos problemas respiratórios de Garner. Quanto ao seu peso, a vítima aparentava ser de fato significativamente obesa, mas isso contribui para uma igualdade de

condições na interação policial, pois se tratava de um indivíduo alto e grande, enquanto os policiais possuíam a aparência de jovens garotos tatuados e de baixa estatura.

Conclusão

A morte de Eric Garner, por ter sido gravada em vídeo e possuir um diálogo direto com o público, incitou revolta e raiva ante o uso excessivo de força pela polícia. A existência de imagens e áudio em alta resolução possibilitou a mobilização e organização efetiva de diversos grupos sociais na busca por responsabilização. O evento analisado cujo desfecho é a morte da vítima é um caso em meio a tantos outros que o precederam e seguem suscitando protestos em todo o mundo.

A polícia, por possuir um ofício pautado em investigar e aplicar a legislação às condutas, tende a possuir privilégios em comparação ao cidadão em geral quanto ao conhecimento de leis e procedimentos. Assim, quando excessos são cometidos se torna facilitada a autoproteção em relação a quaisquer possíveis excessos. O uso de mecanismos de gravação dificulta essa prática.

O elemento chave na relação policial-civil é que o uso excessivo da força pelos agentes pode ser facilitado de acordo com as variáveis presentes na interação. Quatro variáveis foram destacadas como capazes de estimular o agente em campo de modo a que se exceda em suas funções. O que estimulou os policiais a subitamente imobilizar e assassinar Garner foi uma gama de circunstâncias específicas: a) a pequena resistência da vítima; b) a sua forma de falar e gesticular em indignação; c) a experiência policial com crimes de todo o tipo e o fardo que eles representam; d) o despreparo técnico ante o uso de um golpe já banido e próprio de novatos.

Temer a polícia é severamente mais impactante do que parece, isso porque esse medo toma a forma de vulnerabilidade. Trata-se do medo de necessitar auxílio imediato e não haver ninguém confiável para quem pedir socorro. O novo mecanismo de limite do poder policial que surgiu ante pressões sociais e que obriga os agentes a utilizar gravadores de vídeo e áudio no peito por si só já é assustador. A mensagem que esse necessário instrumento evoca é a de que, se não forem vigiados, nossos vigilantes serão nossos maiores agressores.

Referências

ALTER, Charlotte. *Black Lives Matter protest in New York attracts new people*, 2018. Disponível

em:<<https://time.com/4400211/black-lives-matter-new-york-protest/>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

ANCHIETA, V. C. C. "Eu acho que você vai criando uma coragem": abordagem psicodinâmica do sofrimento no trabalho e das defesas entre policiais civis de uma unidade da Polícia Civil no Brasil. 2011. 241 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília. Brasília.

BAKER, Al; GOODMAN, J. Davis; MUELLER, Benjamin. *Beyond the chokehold: the path to Eric Garner's death*, 2015. Disponível

em:<<https://www.nytimes.com/2015/06/14/nyregion/eric-garner-police-chokehold-staten-island.html>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

BARRETT, Devlin. *NYPD fires officer at the center of Eric Garner's death*, 2019. Disponível

em:<https://www.washingtonpost.com/national-security/nypd-fires-officer-in-eric-garner-case/2019/08/19/2d0ead96-c296-11e9-b72f-b31dfaa77212_story.html>. Acesso em: 31 maio. 2020.

BENNER, Katie. *Eric Garner's death will not lead to federal charges for N.Y.P.D. officer*, 2019. Disponível

em:<<https://www.nytimes.com/2019/07/16/nyregion/eric-garner-case-death-daniel-pantaleo.html>>. Acesso em: 31 maio. 2020.

BURGHART, D. Brian. *Fatal encounters*, 2017. Disponível

em:<<https://fatalencounters.org/>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

CHAN, Sewell. *Black Lives Matter activists stage protests across Britain*, 2016. Disponível em:<<https://www.nytimes.com/2016/08/06/world/europe/black-lives-matter-demonstrations-britain.html>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

COUNTRYMETERS. United States, 2021. Disponível em:<[https://countrymeters.info/pt/United_States_of_America_\(USA\)](https://countrymeters.info/pt/United_States_of_America_(USA))>. Acesso em: 3 dez. 2021.

COSTELLO, A. J. A closer look at the Eric Garner incident: the New York Police Department should review its policy instead of trying its police officer. *Journal of Criminal Justice and Law: Official Journal of the Law and Public Policy Section of the Academy of Criminal Justice Sciences*. v. 2, n. 2, 2018.

CROTHERS, James. *The death of Eric Garner: how did almost everyone get it so wrong?* 2.ed. United States: Independently Published, 2019.

FERREIRA, D. K. da S. *Condições de saúde de trabalho e modos de vida de policiais militares: estudo de caso na cidade do Recife-PE*. 2009. 173 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Curso de Pós-Graduação do

Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz. Recife.

FONTANA FILHO, M. A circunstância de Estado como estímulo ao comportamento policial: brutalidade no monopólio da violência legítima. *Revista Opinião Filosófica*, v. 12, n. 1, 2021.

FONTANA FILHO, M. The impact of the slogan I Can't Breathe on the Black Lives Matter Movement: the Eric Garner Case. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 5, n. 13, 2021.

GARRIGA ZUCAL, J. Los sinsabores del verdadero policía. Representaciones laborales y legitimidad de la violencia policial. *Razón y Palabra*, v. 20, n. 93, 2016.

GARRIGA ZUCAL, J. A. “Por el pancho y la coca”. Apuntes sobre las representaciones del trabajo entre los policías de la provincia de Buenos Aires. *Papeles de trabajo*, v. 8, n. 13, 2014.

GARRIGA ZUCAL, J. “Se lo merecen”. Definiciones morales de uso de la fuerza física entre los miembros de la policía bonaerense. *Cuadernos de Antropología Social*, n. 32, 2010.

GARRIGA ZUCAL, J. “Un té de pirelli.” Los sentidos de la violencia para la policía de la provincia de Buenos Aires. *Question*, v. 1, n. 33, 2012.

KELLING, George L.; COLES, Catherine M. *Fixing broken windows: restoring order and reducing crime in our communities*. New York: Simon & Schuster, 1997.

KHAN-CULLORS, Patrisse; GARZA, Alicia; TOMETI, Opal. *What we believe*,

2020. Disponível em: <<https://blacklivesmatter.com/what-we-believe/>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

LEE, Jasmine C.; PARK, Haeyoun. *15 black lives ended in confrontations with police. 3 officers convicted*, 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/05/17/us/black-deaths-police.html>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

LOWERY, Wesley. *Black Lives Matter: birth of a movement*, 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/17/black-lives-matter-birth-of-a-movement>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

MCKENZIE, Sheena. *Black Lives Matter protests spread to Europe*, 2016. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/07/11/europe/black-lives-matter-protests-europe/index.html>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

MENANDRO, P. R. M. Um levantamento dos fatores responsáveis pela violência policial. *Civilização brasileira*, v. 11, 1979.

MORALES, Mark; SHORTELL, David; YAN, Holly. *Chants of 'i can't breathe!' erupt as the officer in the Eric Garner case won't face federal charges*, 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/07/17/us/eric-garner-no-federal-charges-against-officer-reaction/index.html>>. Acesso em: 31 maio. 2020.

SINYANGWE, Samuel; MCKESSON, DeRay; PACKNETT-CUNNINGHAM, Brittany. *Mapping police violence*, 2021. Disponível

em:<<https://mappingpoliceviolence.org/>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

SMITH, Mitch. *How the Eric Garner decision compares with other cases*, 2019. Disponível em:<<https://www.nytimes.com/2019/07/16/us/eric-garner-police-shootings.html>>. Acesso em: 7 jun. 2020.

SOUTHALL, Ashley. *I can't breathe': 5 Years After Eric Garner's Death, an Officer Faces Trial*, 2019. Disponível em:<<https://www.nytimes.com/2019/05/12/nyregion/eric-garner-death-daniel-pantaleo-chokehold.html>>. Acesso em: 31 maio. 2020.

TAIBBI, Matt. *I can't breathe: a killing on Bay Street*. New York: Penguin Random House, 2017.

TATE, Julie; JENKINS, Jennifer; RICH, Steven. *Fatal force*, 2020. Disponível em:<<https://www.washingtonpost.com/graphics/investigations/police-shootings-database/>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

THOMPSON, Krissah; SAMUELS, Robert. *Black Lives Matter leaders vow to continue the movement*, 2016. Disponível em:<https://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/black-lives-matter-leaders-vow-to-continue-the-movement/2016/07/09/b0fec2a6-4537-11e6-88d0-6adee48be8bc_story.html>. Acesso em: 2 jun. 2020.

WINSTON, Ali. *Despite Eric Garner and 'i can't breathe,' chokeholds still used*, 2019. Disponível em:<[https://www.nytimes.com/2019/05/09/nyregion/eric-garner-death-](https://www.nytimes.com/2019/05/09/nyregion/eric-garner-death-chokeholds.html)

[chokeholds.html](https://www.nytimes.com/2019/05/09/nyregion/eric-garner-death-chokeholds.html)>. Acesso em: 7 jun. 2020.

YEE, Vivian. *'I can't breathe' is echoed in voices of fury and despair*, 2014. Disponível em:<<https://www.nytimes.com/2014/12/04/nyregion/i-cant-breathe-is-re-echoed-in-voices-of-fury-and-despair.html>>. Acesso em: 7 jun. 2020.

ZUCAL, J. G.; MAGLIA, E. ¿Qué es un policía? Un estudio sobre las representaciones del trabajo policial. *Trabajo y sociedad*, n. 31, 2018.